



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
Nº. 02 – Ano I – 10/2012
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

A prática de ensino no projeto de extensão “Ginasticando”: uma possível ferramenta para compreensão do saber ensinar Ginástica

Profª. MSc. Priscila Lopes
Mestre em Pedagogia do Movimento Humano pela USP
Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM
Diamantina/MG/Brasil
E-mail: priscalopes@usp.br

Cíntia Regina de Fátima
Discente do Curso de Educação Física da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM
Bolsista PIBIC/FAPEMIG
Diamantina/MG/Brasil
E-mail: cintiadtna@hotmail.com

Resumo: A Prática de Ensino se refere a um dos momentos que proporcionam experiências ao graduando, no sentido de aproximá-lo a realidade que encontrará no mercado de trabalho. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi identificar nos relatos dos discentes da disciplina de Ginástica I do curso de Educação Física da UFVJM, apontamentos sobre sua experiência na Prática de Ensino com o Projeto de Extensão “Ginasticando”. O estudo nos permitiu identificar o quanto a Prática de Ensino contribui para a formação dos graduandos no que diz respeito à atuação profissional, assim como, foram mencionados conhecimentos técnicos e pedagógicos específicos para o trabalho com os conteúdos da ginástica, ampliando os conhecimentos adquiridos em sala de aula. Os graduandos também conseguiram reconhecer a importância da ginástica na infância e identificar como os projetos de extensão podem ser utilizados enquanto ferramenta neste processo.

Palavras-chave: Prática de ensino; Projeto de Extensão; Ginástica.

INTRODUÇÃO

Quando abordamos o tema Ginástica, podemos encontrar diversas justificativas para sua ausência dentro do conteúdo da educação física escolar. Embora esta seja uma prática que deu origem à Educação Física e que constitui um dos blocos de conteúdo que devem ser desenvolvidos ao longo de toda a educação básica (BRASIL, 1997), a maioria dos professores parecem ignorar esta temática definitivamente. Podemos perceber esta realidade nos estudos de Ayoub (2007, p.81): “Atualmente, a ginástica, como conteúdo de ensino, praticamente não existe mais na escola brasileira. Aula de educação física na escola tem sido sinônimo de aula de esporte. Mais ainda: sinônimo de “jogar bola””.

Alguns estudos sugerem uma deficiência no processo de formação destes professores e apontam para a dificuldade que o egresso tem em relacionar o conteúdo aprendido nos cursos de graduação em Educação Física com a realidade encontrada nas escolas brasileiras (AYOUB, 2007; SCHIAVON, NISTA-PICCOLO, 2007; PAOLIELLO, 2001).

Uma das formas de tentar solucionar tal problemática seria proporcionar, durante o processo de formação do licenciado, experiências que o aproximem da realidade que será encontrada no mercado de trabalho.

O Estágio Supervisionado, etapa obrigatória em cursos de licenciatura, tende a permitir esta aproximação. Entretanto, a vivência do ensinar ginástica na escola passa despercebida no estágio pelo fato de muitos professores da educação física escolar não abordarem este tema em seu conteúdo. Desta forma, o graduando que realiza o estágio na educação básica exerce o que é proposto para os cursos de licenciatura, embora, não consiga vivenciar a aplicação dos conteúdos relacionados à Ginástica.

A Prática de Ensino, componente curricular também obrigatório no curso de licenciatura, trata-se da oportunidade de colocar o graduando em contato com a realidade prática, de tal forma que não precisa ser necessariamente realizada dentro da escola, mas em qualquer espaço que permita tal aprendizado.

Portanto, percebemos a Prática de Ensino como o momento ideal para o graduando se apropriar dos conhecimentos didáticos, neste estudo voltado para o ensino do conteúdo ginástico, por meio da prática em *lócus*.

Partindo deste pressuposto, no segundo semestre do ano de 2011 direcionamos a Prática de Ensino da disciplina Ginástica I do curso de Educação Física da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) para a observação e atuação no Projeto de Extensão “Ginasticando”. Sendo assim, pretendemos neste estudo explanar nossa experiência no sentido de contribuir para as possíveis lacunas que ainda são encontradas no processo de formação do professor de educação física, em especial relacionada a temática Ginástica.

Para isso, a presente pesquisa buscou identificar nos relatos dos graduandos do curso de Educação Física da UFVJM, especificamente da disciplina de Ginástica I, apontamentos sobre a experiência na Prática de Ensino com o Projeto de Extensão “Ginasticando”, realizadas no segundo semestre de 2011.

1. Contextualizando a Prática de Ensino

A carreira de professor no Brasil vem sofrendo uma desvalorização ao longo dos anos. Aquele que antes era considerado um mestre respeitado e muitas vezes temido, hoje sofre na pele o desrespeito não só por parte do governo, por meio de salários baixíssimos, como também dos alunos dentro da sala de aula.

Quando falamos especificamente do professor de educação física, o desrespeito é ainda maior. Esta disciplina muitas vezes é marginalizada dentro do ambiente escolar, sofrendo preconceitos por parte da direção, professores de outras áreas e alunos que acabam considerando-a como um momento fortuito que pode ser substituído por outras tarefas “mais importantes”, tais como aplicação de provas, ensaios de eventos comemorativos, reuniões, entre outros.

Muitas vezes, o próprio professor favorece esse tipo de pensamento quando permite aos alunos a escolha de participar ou não das suas aulas e/ou quando limita o conteúdo ao famoso “rola bola”, não intervindo com atividades que discutam a prática e ao mesmo tempo desconsidera importantes componentes que devem ser abordados dentro da disciplina de educação física.

Esta situação acaba provocando na profissão um círculo vicioso difícil de ser interrompido de tal forma que o aluno, em contato com um professor de educação física não comprometido, entende a disciplina como algo superficial e sem sentido. Quando futuramente opta pela referida profissão, em geral, os interesses são

voltados pelo prazer da prática esportiva ou por acreditar que este seja o caminho mais fácil para obter um título de nível superior. Ao concluir a graduação, se depara com um ambiente escolar repleto de dificuldades, de modo que mesmo tendo uma experiência diferente durante a formação, o professor não consegue aplicar o que aprendeu e se rende ao formato que vivenciou enquanto aluno. É muito comum ouvirmos professores dizendo que aquilo que se aprende na graduação é utopia, que a realidade é muito mais complexa e que os alunos não querem “nada com nada”.

Entretanto, acreditamos na possibilidade deste ciclo ser rompido durante o processo inicial de formação do professor, embora dependa muito de como esta formação será conduzida. Mendes (2006) aponta que um dos motivos da baixa qualidade de ensino em escolas públicas ocorre devido à ineficiência na formação do professor, mas entende que as mudanças também devem incidir em nível pessoal, profissional e institucional.

Caparroz e Bracht (2007) discutem a problemática da formação do licenciado em Educação Física com apontamentos sobre a dificuldade dos sujeitos egressos em aplicar os conteúdos aprendidos na graduação na realidade encontrada na escola. Os autores exemplificam tal dificuldade com um relato de uma ex-aluna do curso no qual atuam como docentes: “Eu sei tudo o que caiu no concurso, em relação às abordagens, mas não sei como concretizar isso na minha prática pedagógica na escola” (p.22).

Assim como os autores, esse discurso também nos fez refletir sobre uma possível falha no processo de formação em relação a um conhecimento técnico-pedagógico, ou seja, os graduando não conseguem fazer a síntese do que aprendem na teoria para que determinado conteúdo seja aplicado na prática profissional. Entretanto, Caparroz e Bracht (2007) acreditam que em vez de aplicar a teoria na prática, o professor deveria ser capaz de reconstruir essa prática por meio de experiências e reflexões de forma autônoma e crítica.

Ainda na perspectiva da problemática dos cursos de formação, Mendes (2006) aponta para reflexões que vem sendo feitas acerca dos saberes desses processos. A autora destaca a necessidade de uma formação que privilegie os saberes pedagógicos e compreende que o trabalho docente requer uma formação especializada.

Martins e Batista (2010) acreditam que o curso de licenciatura em Educação Física é responsável por trabalhar questões referentes à corporeidade de forma que sejam quebrados alguns conceitos impostos pela sociedade:

A licenciatura defendida por nós e a que busca o conhecimento como forma de libertação de opressões, a que privilegia o trabalho com o ser humano que se movimenta se referenciar-se apenas em padrões estéticos de beleza ou na perfeição da execução dos movimentos; é a que propiciar consciência corporal e vivências; nessa licenciatura, cooperação e participação, dentre outros, são fatores norteadores das discussões em sala de aula, preparando, assim, os futuros professores para a reflexão em torno desses valores. (MARTINS; BATISTA, 2010, p.163)

Neste sentido, os autores acreditam ser fundamental que o graduando experimente a interação entre teoria e prática principalmente por meio de vivências, e não apenas nos embates teóricos. Citam também que a ação cotidiana dos professores de educação física ainda hoje apresenta práticas pedagógicas dissociadas dos discursos, revelando dificuldades entre a formulação teórica e a intervenção no ambiente escolar, falhas estas que também precisam ser superadas na formação acadêmica.

Martins e Batista (2010) acreditam que o grande desafio dos cursos de Educação Física está em possibilitar uma formação que eduque profissionais de forma que dominem a arte da mediação entre a produção do conhecimento e a intervenção:

A esse profissional, em sua formação acadêmica, deveríamos ensinar a associação entre o ver, o fazer, o conhecer, o compreender e o conviver, ou seja, uma formação que venha a permitir uma ação profissional que respeite o princípio da rigorosidade, que esteja em sintonia com o contexto sócio-histórico-cultural de seus alunos e, especialmente, que incorpore o entendimento da complexidade humana. (MARTINS; BATISTA, 2010, p.164)

Acreditamos que uma das formas de trabalhar a problemática em questão esteja centrada nas atividades práticas, de tal forma que os graduandos possam vivenciar o ato de ensinar por meio da supervisão de docentes, sendo estes os próprios responsáveis em articular uma discussão reflexiva sobre esta prática.

De acordo com as diretrizes estruturadas na Resolução CNE/CP1/2002 e no Parecer CNE/CP 28/2001 (BRASIL, 2002), os cursos de licenciatura devem garantir a articulação entre teoria e prática em seus projetos pedagógicos por pelo menos

2800 horas, nas quais 400 horas devem ser destinadas, ao longo do curso, a experiências práticas, independentemente do Estágio Curricular Supervisionado.

Essas horas se referem à Prática de Ensino que, segundo Santiago e Batista Neto (2012) é entendida “como uma prática formadora processual, coletiva e interdisciplinar que passa a exigir princípios, organização, conteúdos e abordagens” (p.1).

Lima (2008) defende a Prática de Ensino, juntamente com o Estágio Supervisionado, como possibilidades de aprendizagem da profissão docente, assim como, a construção de uma identidade profissional. Tais componentes curriculares permeiam outras disciplinas no projeto pedagógico dos cursos de formação, mas a autora acredita que os mesmos sejam o *locus* da sistematização da pesquisa sobre a prática, com o objetivo de realizar a síntese e a reflexão das vivências efetivadas. Mendes (2006) compreende tais disciplinas como pilares na formação do professor no campo político-pedagógico possibilitando ao futuro professor a (re) construção de elementos teórico-práticos no cotidiano da docência.

Entretanto, alguns autores discutem a forma como esses componentes vêm sendo trabalhados nos cursos de licenciatura, independente da área (MENDES, 2006; PICONEZ, 2007; SILVA, 2008). Ainda, destacam o quanto tais componentes estão desvinculados da realidade nas práticas de ensino, especialmente se levamos em consideração que as atividades de estágio possuem um caráter fragmentado e burocrático, assim como a falta de vínculo entre as instituições formadoras e receptoras dos alunos estagiários, que conseqüentemente não favorecem práticas reflexivas de forma criativa e transformadora, entre outros.

A partir da experiência no ensino superior no curso de Educação Física da UFVJM com as disciplinas Estágio Supervisionado e Ginástica, também compartilhamos da problemática levantada pelos pesquisadores citados.

Em relação ao Estágio Supervisionado, acreditamos que além das dificuldades burocráticas que esta disciplina carrega consigo, em geral, os graduandos não dão o devido valor a este componente em nosso curso na UFVJM, no que se refere a motivação para tal. Alguns o consideram como algo sem importância e acabam burlando o sistema em busca apenas de assinaturas de horas para cumprir com o que é exigido. É muito comum ouvir nas discussões em sala de aula que o estágio não é proveitoso porque nada se ensina em aulas de educação

física nas escolas. Em muitos casos, os estagiários passam pelos períodos de observação e semi-regência apenas observando os alunos “jogarem bola” ou ficarem livres pelo espaço sem nada para fazer. Quando chegam ao período de regência, esses estagiários ficam presos ao conteúdo determinado pelo professor regente, não podendo desenvolver atividades diferenciadas que aprenderam no curso.

É neste momento que acreditamos que a Prática de Ensino possa suprir as falhas existentes no Estágio Supervisionado. Por se tratar de um componente no qual não há a exigência de ser realizado no ambiente escolar, o docente da disciplina pode propor projetos e práticas onde o graduando perceba de forma efetiva o ato de ensinar para que consiga posteriormente aplicá-lo dentro de sua realidade profissional fazendo as adequações necessárias. A Prática de Ensino se faz mais importante ainda quando está vinculada às disciplinas cujo conteúdo geralmente não é aplicado em aulas de educação física na escola. Podemos citar como exemplo o caso da Ginástica que, como vimos anteriormente, praticamente não existe na educação física escolar.

Corroborando com a ideia, Schiavon e Nista-Piccolo (2007) identificaram por meio de análises de grades curriculares de cursos de Educação Física, a falta de um olhar pedagógico sobre a ginástica quando trabalhada em disciplinas de graduação: “Muitos cursos ainda não valorizam as práticas de ensino que podem acontecer fora da grade curricular, permitindo que os alunos vivenciem experiências significativas para o ato de ensinar.” (SCHIAVON, NISTA-PICCOLO, 2007, p.132).

As autoras ressaltam a importância da criação de projetos de extensão direcionados à comunidade que possibilitem um reconhecimento das dificuldades que podem surgir na prática das ginásticas: “Projetos que tenham como objetivo maior proporcionar ao graduando o ensinar Ginástica, viabilizando, assim, futuras adaptações dessas modalidades aplicadas nas escolas.” (SCHIAVON, NISTA-PICCOLO, 2007, p.132).

De acordo com o Projeto Político Pedagógico do curso de Educação Física da UFVJM (NIQUINI et al., 2006) a Prática de Ensino é desmembrada em 250 horas vinculadas à disciplinas e 150 horas vinculadas à projetos. A equipe de formadores buscou com esta proposta considerar as disciplinas como recursos que ganham sentido no espaço profissional visado:

Os cursos com tempos e programas definidos para alcançar seus objetivos são fundamentais para a apropriação e organização de conhecimentos. No entanto, para contemplar a complexidade dessa formação, é preciso instituir tempos e espaços curriculares diversificados capazes de promover e, ao mesmo tempo, exigir dos futuros professores atuações diferenciadas, percursos de aprendizagens variados, diferentes modos de organização do trabalho, possibilitando o exercício das diferentes competências a serem desenvolvidas. (NIQUINI et al., 2006, p.47)

Neste sentido, as horas de Prática de Ensino na UFVJM são distribuídas entre as disciplinas que constituem o currículo de formação em Educação Física possibilitando aos acadêmicos, atividades de observação, reflexão e aplicação dos saberes e práticas pedagógicas. Portanto, cabe ao docente planejar, acompanhar e direcionar esta prática, observando os preceitos estabelecidos, respeitando o limite de 15 horas por disciplina.

Sendo assim, explanaremos a seguir, como as disciplinas de Ginástica trabalham estas questões no curso de Educação Física da UFVJM.

2. A Prática de Ensino nas disciplinas de Ginástica na UFVJM

A Prática de Ensino nas disciplinas Ginástica I e II está vinculada ao Projeto de Extensão “Ginasticando”, o qual foi elaborado e estruturado pelo Grupo de Estudos e Práticas da Ginástica (GEPG).

O GEPG, fundado em Março de 2011 por docentes e discentes do curso de Educação Física da UFVJM, tem como intenção se aprofundar nas questões que permeiam a ginástica em suas diferentes vertentes e ambientes. O objetivo do grupo é desenvolver e aprimorar práticas pedagógicas voltadas para o ensino da ginástica e aprofundar estudos e pesquisas neste campo. Para isso, são realizados encontros semanais com leituras e discussões sobre a temática em questão, além de estudos sobre metodologias e processos pedagógicos para serem aplicados em aulas de ginástica.

Logo no início dos encontros do GEPG, surgiu a vontade de criar uma oportunidade de proporcionar a prática de ginástica para as crianças de Diamantina, Minas Gerais, cidade onde está situada a UFVJM. Esta intenção partiu da experiência vivenciada nas Mostras de Ginástica Geral que aconteciam a cada final

de semestre desde o ano de 2008. Este evento trata-se de uma festival de Ginástica Geral que é fruto do trabalho dos graduandos das disciplinas de Ginástica atuando como monitores de determinados grupos de crianças em diferentes escolas, com aulas semanais da modalidade, através das atividades extracurriculares. Tal atividade também tinha a função de suprir o papel das 15 horas de Prática de Ensino dessas disciplinas.

Entretanto, embora fosse muito proveitosa e prazerosa, este tipo de atividade não possibilitava a continuidade do trabalho que era desenvolvido com as crianças e limitava a experiência do “ensinar ginástica” para os graduandos em apenas uma vertente da ginástica com um objetivo final em curto prazo.

Sendo assim, o Projeto de Extensão “Ginasticando” foi criado com a proposta de disseminar a prática corporal vivenciada especialmente nas disciplinas Ginástica I e II, para alguns alunos da rede de ensino básico de Diamantina na intenção de aproximar a universidade, no âmbito da Educação Física, com outras instituições de ensino, além de oferecer a vivência do “ensinar ginástica” de forma ampla e contínua para os acadêmicos da graduação em Educação Física da UFVJM envolvidos no projeto.

Inicialmente, participavam do projeto apenas os graduandos que faziam parte do GEPG como monitores nas aulas. Após o primeiro semestre de aplicação, com o projeto bem estruturado e funcionando de forma adequada aos objetivos propostos, iniciamos a vinculação, no segundo semestre de 2011, da Prática de Ensino das disciplinas de Ginástica durante as aulas do “Ginasticando”.

Ficou determinado que os alunos da disciplina Ginástica I fariam cinco horas de observação e a partir disso, atuariam por mais 10 horas como ajudantes dos monitores do GEPG. Ao final do semestre, foi solicitado aos alunos que respondessem a uma questão única relatando sua experiência com a Prática de Ensino no Projeto de Extensão “Ginasticando”. Os resultados deste questionamento originaram a pesquisa que será apresentada a seguir.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se refere a um estudo de campo, de natureza qualitativa, com a proposta de discutir os depoimentos dos graduandos à luz da teoria que circunstancia o contexto da Prática de Ensino nos cursos de licenciatura em Educação Física.

Os sujeitos da pesquisa foram compostos por 29 alunos da disciplina Ginástica I que realizaram a Prática de Ensino no Projeto de Extensão “Ginasticando” no segundo semestre de 2011.

Para a coleta de dados foi aplicado um questionário aberto de questão única elaborada especialmente para este estudo. E, para o tratamento dos dados, utilizamos a técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2006). Após a organização dos dados, optamos pela análise temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados nos permitiu identificar o quanto a Prática de Ensino aplicada no Projeto de Extensão “Ginasticando” contribuiu para a formação dos graduandos, não só em relação aos conteúdos da ginástica, como também para o crescimento pessoal dos futuros profissionais.

Os depoimentos revelaram que além de ampliar os conhecimentos adquiridos na disciplina, essa experiência proporcionou aos discentes, o primeiro contato pedagógico com crianças, onde tiveram a oportunidade de observar o progresso motor, não desvinculado do intelecto, e os aspectos afetivos das mesmas. Os graduandos também conseguiram reconhecer a importância da ginástica na infância, como os projetos de extensão podem auxiliar no processo de formação do professor, a experiência de acadêmicos mais preparados, os benefícios do trabalho em grupo, entre outros fatores que podem ser observados no quadro 1.

QUADRO 1 – Observação dos graduandos em relação a experiência com o Projeto de Extensão “Ginasticando”.

Categorias	Unidade de contexto
Reconhecimento da importância do trabalho em grupo	A6: “Vivenciei várias experiências o trabalho em grupo...”
Confirmação da escolha da profissão	A7: “... confirmando realmente o desejo pelo curso.” A12: “... senti na pele o quanto é gratificante essa profissão que eu escolhi.”
Primeiro contato com crianças	A1: “... primeira vez que pude realmente ter contato com crianças...” A2: “Primeiro contato com as crianças...” A7: “... possibilitou o primeiro contato com os alunos...” A12: “Foi muito bom conviver com crianças...”
Impressões sobre o aspecto motor das crianças	A2: “... entender suas possibilidades (das crianças)...” A3: “... pude ver a evolução das crianças, com mais facilidade de realizar as atividades propostas, depois de um tempo.” A4: “... visualizar como foi sua evolução durante o processo...” A5: “... perceber a evolução das crianças em pouco tempo de prática...” A14: “... ela (criança) não precisa ter um ótimo alongamento para fazer rolamentos e estrelas.” A17: “... deu para sentir o progresso das crianças desde o início...” A24: “... como o desenvolvimento das crianças foi rápido...” A26: “... a evolução das crianças no dia a dia...”
Impressões sobre o aspecto afetivo das crianças	A11: “Pude notar que não existe criança quieta o bastante e nem levada demais...” A14: “A maioria delas não tem medo de fazer os movimentos e logo aprendem.” A16: “... mais difícil de começo, era aguentar o imenso barulho que as crianças faziam ... mas depois com as crianças forma acostumando com o pessoal, foi ficando muito bacana...”
Impressões sobre acadêmicos mais experientes	A7: “... observação de parceiros mais experientes...”
Impressões sobre a importância de Projetos de Extensão	A10: “... pude perceber a importância deste projeto ... livrará muitas daquelas crianças do mundo das drogas...” A21: “... aprendi muito com os alunos.” A27: “... na prática principalmente com crianças, a dificuldade de ensinar é maior...”
Impressões sobre a importância da Ginástica na infância	A14: “... eu estaria muito feliz se tivesse tido a oportunidade que essas crianças têm.” A16: “... só de ver a alegria que as crianças ficavam de ter aquilo, coisa que muitas (pra não dizer todas) nunca tiveram ... me identifiquei com elas...”

Entretanto, iremos nos dedicar neste trabalho, apenas a categoria referente à ampliação do conhecimento adquirido na disciplina por meio da Prática de Ensino, a qual será apresentada no quadro 2, sendo discutido na sequência.

QUADRO 2 – Observações dos graduandos em relação à ampliação do conhecimento adquirido na disciplina de Ginástica I por meio da Prática de Ensino com o Projeto de Extensão “Ginasticando”.

Categoria: Ampliação do conhecimento por meio da Prática de Ensino	
Conhecimentos técnicos	<p>A2: “Técnicas de segurança para uso de aparelhos e prevenção de acidentes.”</p> <p>A8: “... aprendi a elaborar métodos responsáveis e criativos com crianças...”</p> <p>A4: “... foi possível vivenciar a prática de ensino, auxiliando e ensinando as crianças em todo processo de aprendizagem da ginástica...”</p> <p>A9: “... aprendi novas brincadeiras onde no futuro posso ensinar para meus alunos.”</p> <p>A12: “... aprendi muitas maneiras de fazer as crianças se exercitarem sem saber, só brincando...”</p> <p>A15: “... nos ensinou como fazer um rolamento sem se machucar ... vi que tem toda uma técnica para isso...”</p> <p>A18: “... o que realmente é você ensinar algo para alguém e a forma como isso deve ser feito...”</p> <p>A19: “... ensinar as crianças movimentos...”</p> <p>A20: “Conhecer jogos, brincadeiras, movimentos que podem ser ensinados para as crianças...”</p> <p>A23: “Aprendi muitos exercícios junto com elas...”</p> <p>A24: “... aprendi como ajudar as crianças a fazerem exercícios de forma lúdica...”</p> <p>A25: “... aprendi processos pedagógicos para ensinar os alunos a fazer os movimentos da ginástica...”</p> <p>A29: “... participar do processo de montagem dos aparelhos...”</p>
Conhecimentos pedagógicos	<p>A4: “... como é difícil segurar a atenção deles...”</p> <p>A5: “... fui adquirindo experiência para poder lidar e aprender um pouco mais com professora, monitores e alunos.”</p> <p>A6: “... trabalhar com crianças saber lidar com determinadas situações.”</p> <p>A8: “Aprendi a sorrir nos momentos certos e corrigir nos momentos errados...”</p> <p>A9: “... aprendi a trabalhar com crianças sem que elas tomassem raiva, sem que elas ficassem estressadas...”</p> <p>A11: “... nunca imaginei que trabalhar com criança em ginástica fosse tão trabalhoso...”</p> <p>A17: “Deu pra aprender na prática como lidar com cada tipo de criança...”</p> <p>A18: “... pela dificuldade de se manter a ordem entre eles era necessário ter voz ativa...”</p> <p>A19: “... como lidar com elas...”</p> <p>A22: “... devem ter voz ativa com as crianças para que dê certo.”</p> <p>A25: “... aprendi a monitorar os alunos...”</p> <p>A26: “... saber conversar com as crianças sem ser rude...”</p> <p>A29: “... percebi que tem que ter pulso firme e muita paciência ao lidar com crianças...”</p>

Entre os conhecimentos citados, podemos observar na fala dos sujeitos aspectos que revelam a importância de colocar em prática aquilo que se aprende na “teoria”. Por mais que os conteúdos abordados em sala de aula sejam trabalhados também de forma prática, a atuação direta com o objeto de estudo permite uma melhor apropriação do conhecimento.

Tais constatações corroboram com a literatura que ressalta a necessidade de uma formação que privilegie os saberes pedagógicos e aponta para a importância da síntese e das reflexões sobre o conhecimento por meio de vivências efetivas,

possibilitando ao futuro professor a (re) construção de elementos teórico-práticos no cotidiano da docência (LIMA, 2008; MENDES, 2006).

Em relação aos conhecimentos técnicos necessários para aplicação da ginástica, independente do contexto, podemos perceber que os graduandos vivenciaram de forma efetiva técnicas de segurança, montagem de aparelhos específicos, ajudas manuais, processos de aprendizagem, métodos de ensino, adequações à faixa etária, entre outros.

Estes saberes são de extrema importância para aplicação dos conteúdos da ginástica. Almeida (2005) cita que, particularmente no caso da ginástica, a formação insuficiente em nível de metodologia da modalidade pode se tornar uma das limitações para professores de iniciação.

Quanto aos conhecimentos pedagógicos, a Prática de Ensino possibilitou aos graduando experimentar diferentes formas de abordagem com crianças, as quais permitiram desenvolver maneiras de lidar com os alunos para atrair a atenção, fazer correções com cuidados para não desmotivar o aluno, elogiar proporcionando *feedback* positivo, entonações de voz para ensinar, trabalhar com grupos heterogêneos, como manter a disciplina, entre outros.

Tais estratégias são de suma importância para o professor de educação física. Lopes (2009), em um estudo com o objetivo de identificar motivações para a prática de Ginástica Artística por meio de atividades extracurriculares em escolas, verificou que crianças e jovens consideram que apenas o conhecimento técnico da modalidade não é suficiente para garantir o sucesso nas aulas. Embora seus estudos estejam direcionados para uma das vertentes da ginástica, acreditamos que suas reflexões podem ser consideradas em qualquer ambiente de ensino relacionado às práticas corporais. Deste modo, os professores devem estar atentos à maneira de lidar com os alunos nas aulas de educação física para que possam proporcionar experiências positivas de forma que sejam ampliadas para ambientes fora da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das reflexões deste estudo, podemos concluir que há uma discrepância entre a formação de professores e a realidade prática, ou seja, as aulas da graduação perpassam por contextos diferentes daqueles experienciados na escola. Assim, entendemos que é preciso se ater para este elemento, pois os profissionais não conseguem aplicar os conhecimentos adquiridos na graduação.

A Prática de Ensino se mostrou como um dos caminhos para intervir nesta problemática de forma efetiva, pois possibilita o contato com o ato de ensinar fora do ambiente escolar, onde, muitas vezes, não são garantidas experiências positivas ao graduando observador.

Nesse sentido podemos apresentar três traços característicos da Prática de Ensino. O primeiro deles está relacionado como meio de ampliar os conhecimentos adquiridos em aula, pois dessa forma o graduando tem a possibilidade de aprender o “como fazer”. O segundo traço se refere às lacunas deixadas pelo Estágio Supervisionado, seja pela má qualidade das aulas de educação física ou pela falta de motivação dos graduandos, que são preenchidas pela Prática de Ensino. O terceiro traço característico é que percebemos a importância da Prática de Ensino no sentido de “preparar” os acadêmicos tanto para o período de regência no Estágio Supervisionado, como para a prática profissional após concluir o curso. Desta forma, quando se deparam com o ambiente escolar, conseguem se adaptar às especificidades deste contexto e, conseqüentemente, suas aulas serão mais eficazes.

De acordo com os resultados explícitos nos relatos dos graduandos, podemos perceber que a Prática de Ensino tem alcançado os objetivos propostos no que se refere a disciplina Ginástica I. Os discentes aprendem aplicar seus conhecimentos sobre a ginástica e refletir sobre sua prática, conferindo-lhe competência e autonomia para trabalhar este conteúdo na atuação docente.

Portanto, consideramos que estudos relacionados à Prática de Ensino devem ser ampliados para que possam proporcionar aos graduandos experiências cada vez mais positivas.

Abstract: The Teaching Practice refers to one of the moments that propitiate the experience living that approximate the undergraduate students to the reality they will find in work field. Thus the purpose of this study was to identify the speech of undergraduate students attending in the discipline of Gymnastic I in Physical Education Course at UFVJM writings about the experience lived in the Teaching Practice with the project “Ginasticando” which attends the community. The study permitted us to identify how the Teaching Practice contributes to the undergraduate students in relation to their personal growing to work with gymnastic content as a future professional. It was also cited technical, pedagogical specific knowledge to the gymnastic content work, improving the knowledge learned at classroom. The undergraduate students also could recognize the gymnastic importance in childhood and as a community attending project can be used as a tool in this process.

Key-words: Teaching Practice; Extension Project; Gymnastic.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. Treino de crianças e jovens na ginástica: Iniciação, problemas e temas de preocupação. **Treino Desportivo**, Lisboa, n.7, p. 52-58, nov. 2005.

AYOUB, E. **Ginástica geral e educação física escolar**. 2ª edição. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 4ª edição. Lisboa: Edições 70, 2006.

BRASIL. CNE. Resolução CNE/CP 2/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 9. 2002.

BRASIL. PCN (Parâmetros Curriculares Nacional). Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAPARROZ, F. E., BRACHT, V. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. **Revista Brasileira Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007.

LIMA, M. S. L. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 8, n. 23, p. 195-205, jan./abr. 2008.

LOPES, P. **Motivação e Ginástica Artística formativa no contexto extracurricular**. Lisboa: Universidade de São Paulo. Escola de Educação Física e Esporte, 2009. 216 p. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MARTINS, I. C., BATISTA, J. C. F. **Educação Física, formação e prática profissional**. In: MARCO, A. (org.) Educação Física: Cultura e Sociedade. 3ª edição. Campinas, SP: Papyrus, p.157-170, 2010

MENDES, B. M. M. **Novo olhar sobre a prática de ensino e o estágio curricular supervisionado no ensino**. In: MENDES SOBRINHO, J. A. C.; CARVALHO, M. A. (org.). Formação de professores e práticas docentes: olhares contemporâneos. Belo Horizonte: Autêntica, p.193-206, 2006.

NIQUINI, C. M., GOMES, G. J., SANTOS, G. O., SILVA, W. L. Projeto **Pedagógico: licenciatura em Educação Física – UFVJM**. [2005 ou 2006]. Disponível em: <http://educacaofisicaufvjm.files.wordpress.com/2009/09/ppp-ef-ufvjm-2011.pdf>. Acesso em: 01 Fev 2012.

PAOLIELLO, E. **A Ginástica Geral e a formação universitária**. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 1., 2001, Campinas, SP: Anais: Campinas, SP: SESC: Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2001.

PICONEZ, S. C. B. **A prática de ensino e o estágio supervisionado: a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão**. In: A prática de ensino e o estágio supervisionado. PICONEZ, S. C. B. (coord.). Campinas: Papyrus. 14ª edição, p.15-38. 2007. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico)

SANTIAGO, M. E., BATISTA NETO, J. **A Prática de Ensino como eixo estruturador da formação docente**. In: Fundação Joaquim Nabuco. [entre 2010 e

2012]. Disponível em: <
<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=1044&textCode=2315&textStep=2>>. Acesso em: 27
Fev 2012.

SCHIAVON, L., NISTA-PICCOLO, V. L. A ginástica vai à escola. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 131-150, setembro/dezembro de 2007.

SILVA, L. C. **Prática de ensino e estágio supervisionado: o diálogo entre as discussões teóricas e a prática cotidiana.** In: SILVA, L. C.; MIRANDA, M. I. Estágio supervisionado e prática de ensino: desafios e possibilidades. Araraquara: Junqueira&Marin: Belo Horizonte: FAPEMIG, p.37-83, 2008.